

“EXTENSÃO EM CHAMAS”: reivindicando a Guerra de Espadas enquanto comunidade cultural na Bahia

Filipe Arnaldo Cezarinho¹

Universidade Estadual do Centro-Oeste

cezarinhohistoria@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste relato de pesquisa/extensão é apresentar a experiência na construção do livro: *No ritmo do fogo: contos e memórias da Guerra de Espadas na Bahia* a partir do envolvimento articulado da comunidade espadeira de diversos municípios da Bahia, em 2021. A ação originou-se da premiação do Edital N° 01/2020 – Premiação Fundação Pedro Calmon, Prêmio Aldir Blanc, categoria memória. Metodologicamente, foram contactados, via *WhatsApp, Instagram e Facebook*, grupos de espadeiros (as) que compartilharam fotografias familiares e relatos pessoais para a construção do livro. Apoiando-se em seus saberes populares, o livro demonstra que a Guerra de Espadas resiste, mesmo depois de sua criminalização pelos poderes estatais, através de uma tradição que se transforma há mais de cem anos. A atuação política de homens e mulheres espadeiros (as) tem mantido a tradicional prática no tempo presente como um importante pilar identitário entre populares da Bahia.

Palavras-chave: Extensão. Cultura. Guerra de Espadas.

“Extension on fire”: claiming the Guerra de Espadas as a cultural community in Bahia

Abstract: The goals of this research/extension report is to present the experience in the construction of the book: *In the rhythm of fire: tales and memories of the Sword War in Bahia* from the articulated involvement of the sword community of several municipalities in Bahia, in 2021. The action originated from the award of Public Notice N° 01/2020 – Fundação Pedro Calmon Award, Aldir Blanc Award, memory category. Methodologically, groups of swordsmen were contacted via *WhatsApp, Instagram and Facebook* who shared family photographs and personal reports for the construction of the book. Relying on popular knowledge, the book demonstrates that the *Guerra de Espadas* resists, even after its criminalization by state powers, through a tradition that has been changing for over a hundred years. The political action of men and women swordsmen (as) has maintained the traditional practice in the present time as an important pillar of identity among popular people in Bahia.

Keywords: Extension. Culture. Guerra de Espadas.

"Extensión en llamas": reivindicación de la Guerra de Espadas como comunidad cultural en Bahia

¹ Registro de historiador: 0000013/BA. Licenciado em História (UFRB), Especialista em Educação Cultural e Diversidade (UFRB), Mestre em História (UNICENTRO) e, atualmente, doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES. E-mail: cezarinhohistoria@hotmail.com.
Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura, Florianópolis (SC), v. 6, n. 1, p. 42 - 52, jan./jun. 2022

Resumen: El objetivo de este informe de investigación/ampliación es presentar la experiencia en la construcción del libro: *Al ritmo del fuego: relatos y memorias de la Guerra de las Espadas en Bahia* a partir de la participación articulada de la comunidad de las espadas de varios municipios de Bahia, en 2021. La acción se originó a partir de la adjudicación de la Convocatoria Pública N° 01/2020 - Premio Fundação Pedro Calmon, Premio Aldir Blanc, categoría memoria. Metodológicamente, se contactó con grupos de espadeiros vía WhatsApp, Instagram y Facebook que compartieron fotografías familiares e informes personales para la construcción del libro. Apoyándose en el conocimiento popular, el libro demuestra que la Guerra de Espadas resiste, incluso después de su criminalización por parte de los poderes del Estado, a través de una tradición que ha ido cambiando durante más de cien años. La acción política de los hombres y mujeres espadistas (as) ha mantenido la práctica tradicional en la actualidad como un importante pilar de identidad entre la gente popular de Bahia.

Palabras clave: Extensión. Cultura. Guerra de Espadas.

Introdução

“A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflète apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase sempre resulta em um “compromisso” contra os homens, contra a sua humanização, por parte dos que se dizem neutros.” (FREIRE, 1981, p. 19).

Em 2011, o Ministério Público, na cidade de Cruz das Almas/BA, empreendeu um primeiro golpe à Guerra de Espadas. Ao criminalizá-la em âmbito municipal, abriu-se prerrogativas de sua criminalização em todo o cenário baiano. Assim sucedeu-se em Senhor do Bonfim, no centro-Norte Bahia, e em cidades do recôncavo baiano como: Muritiba, São Félix, Cachoeira, Maragogipe, São Felipe e várias outras. Tal evento, colocou em condição de criminosos (as) milhares de populares adeptos (as) da manifestação cultural que ocorre em muitos municípios há mais de cem anos.

Grosso modo, a Guerra de Espadas é uma tradição que acontece em certas localidades desde o começo do século XX. (CEZARINHO, 2018). A brincadeira dar-se do seguinte modo: dotadas de suas espadas de fogo (bambu, barro e pólvora), as pessoas saem pelas vias públicas estabelecendo pequenas guerras entre grupos que se encontram ao longo de todos os espaços urbanos. Lançam suas espadas contra as outras e vice-versa. Essa dinâmica se estende por todas as ruas, bairros e vielas. A festa se associa às comemorações do mês de junho, assim, ao São João. Mulheres e homens de todas as idades participam.

Com base em minhas empreitadas etnográficas, a Guerra de Espadas ainda possibilita o reencontro de familiares residentes em outras cidades, principalmente na capital baiana, que

retornam nesse momento específico para festejar com seus entes queridos na manutenção da tradição. Por outro lado, as marcas da cultura fazem-se presentes nos corpos dessas pessoas, por meio de queimaduras, e, em casos mais restritos, com o advento de óbitos devido aos impactos. É dentro desse contexto que a Guerra de Espadas passa a ser criminalizada. Obviamente que novos estudos no campo trazem à luz chaves de leitura analíticas que indicam proposições colonialistas e racistas enquanto delineadoras na produção do crime. Isto é, a Guerra de Espadas seria vista como bárbara quando perspectivada pelos óculos teóricos do ocidente europeu.

No intuito de produzir um olhar a contrapelo dos agentes que estigmatizaram a Guerra de Espadas na Bahia, propus-me, em aliança com a pedagoga Tábata Figueiredo Dourado², fazer uma ação que envolvia, ao mesmo tempo, pesquisa e extensão, trazendo como resultado final a elaboração de um livro digital. O livro foi publicado pela *Gradus Editora*, em 2021³ (Figura 1).

Dadas as condições de possibilidade do *Edital N° 01/2020 – Premiação Fundação Pedro Calmon, Prêmio Aldir Blanc*, categoria memória, desenvolvi um projeto de ação extensionista, com duração de 4 meses, que buscasse mobilizar espadeiros e espadeiras de algumas cidades do estado baiano no afã de sistematizar um conjunto de memórias individuais e coletivas demonstrando, com isso, o poder da Guerra de Espadas enquanto mobilizador e aglutinador identitário. Além disso, o produto do projeto revelou ser exemplo de trabalho conjunto, como demonstrado no final de sua apresentação: “Este livro não existiria sem a colaboração de espadeiros e espadeiras. É um exemplo de produção coletiva. Podemos dizer que a significativa vontade de compor a obra é diametralmente igual à quantidade de registros que cada pessoa nos enviava.” (CEZARINHO, 2021, p. 10).

Enfatizo que todo o projeto foi desenvolvido seguindo os parâmetros de distanciamento social. Essa era uma das obrigatoriedades do edital supracitado. Ou seja, os possíveis projetos aprovados teriam que demonstrar total exequibilidade através do uso das mídias digitais. Portanto, a experiência extensionista e de pesquisa aqui apresentada foi inteiramente desenvolvida via *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*. Outra obrigatoriedade do projeto

²Pesquisadora convidada para produção dos contos a partir das fotografias e relatos concatenados na ação pesquisa/extensão.

³Para acessar o livro gratuitamente ver: Disponível em:

https://www.graduseditora.com/_files/ugd/c7d661_5feb27cbd78f4017ba347191fd9048bd.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.

Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura, Florianópolis (SC), v. 6, n. 1, p. 42 - 52, jan./jun. 2022

supracitado era a de que o produto fosse disponibilizado gratuitamente ao público por meio das mídias digitais pessoais ou qualquer outra plataforma interessada, além da própria Fundação Pedro Calmon.

Figura 1: Interface do site da Gradus Editora com o livro disponível ao público.



Fonte: Autor (2021)

No que tange à pesquisa, enveredei em busca de edições de jornais digitalizados na hemeroteca do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Por meio de seus acervos, consegui concatenar 17 edições de jornais diversificados. O recorte temporal abarcado era de 1950 a 2000, períodos que antecederam a atual criminalização da tradicional manifestação cultural da Guerra de Espadas. Para o presente trabalho, darei ênfase aos aspectos de caráter extensionista, já que os elementos metodológicos administrados obtenção dos jornais foram explicitados em trabalho pretérito⁴.

Divido o presente relato de experiência em três momentos: a fase de contactar espadeiros (as) e a recepção dos mesmos, as trocas de memórias (fotografias) e o resultado da ação em termos micro e macro. Como demonstrarei, toda extensão precisa causar alguma espécie de impacto à realidade social implicada, caso contrário, a prática desenvolvida pode ser denominada de outra maneira, menos de extensão.

⁴Para acessar o trabalho indicado ver: CEZARINHO, Filipe Arnaldo. Uma experiência de pesquisa com fones digitalizadas da Hemeroteca do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular – (CNFCP). **Semina – Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF**. v. 20, n. 2, p. 96-111, maio/ago. 2021.
 Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura, Florianópolis (SC), v. 6, n. 1, p. 42 - 52, jan./jun. 2022

Uma extensão necessária: a comunidade cultural espadeira

Com objetividade: a presente proposta de experienciar a prática de extensão neste texto, pauta-se pelas contribuições epistemológicas de Paulo Freire (2021). O mote de problemáticas debatidas em *Pedagogia do Oprimido* fundamentou os pressupostos de minha ação na constituição do projeto *No ritmo do fogo*. Nesse sentido, suas palavras são esclarecedoras:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada *com* ele e não *para* ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade (FREIRE, 2021, p. 43).

Destaco, então, dois pontos do fragmento. O primeiro equivale ao dispositivo inclusivo *com*. Como sabido, não existe extensão sem a presença dialógica entre a comunidade e aquele que busca promover a ação. Ou melhor, a comunidade torna-se a protagonista da atitude extensionista. Já o pesquisador, esse remodela sua postura e coloca-se enquanto indivíduo capaz de sentir os anseios, angústias, sonhos, desejos. Além disso, cabe ao pesquisador contribuir para que de alguma forma sejam efetivadas na prática o que a comunidade ambiciona. A interação é fundamental.

O outro ponto encontra-se no processo de humanização do outro. Do oprimido, como bem situa Paulo Freire (2021), é retirada a sua humanidade. Igualmente na Guerra de Espadas, a sua criminalização corroborou para essa desumanização, colocando mulheres e homens na condição de “incivilizados”, “bárbaros” ou “primitivos”. A comunidade cultural atrelada à manifestação das espadas vira um obstáculo ou, pelo olhar das forças contentoras, algo a ser eliminado do seio social. É na contramão dessa perspectiva, ou seja, na busca de retomar a humanidade dessas pessoas que a ação extensionista justifica-se e legitima-se.

A síntese dessa discussão, portanto, é a conscientização de que o conhecimento é produto relacional, não cabendo a um ou a outro disseminá-lo. Por esse prisma, a grande referência continua sendo Paulo Freire (1983, p. 36) ao dizer que “[...] o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformações, e se aperfeiçoa na problematização crítica das relações”.

A primeira fase da ação foi a de contatar os sujeitos imbricados à prática da Guerra de Espadas. Mesmo tendo experiência investigativa no campo, a proposição abarcava uma ambição que até então não havia experienciado, ou seja, a de mobilizar grupos de espadeiros (as) de localidades distintas. Até então, minhas pesquisas recortavam o município de Cruz das Almas/BA. Agenciado por essas relações pretérita que comecei a traçar as estratégias para

localizar e mobilizar membros partidários da tradicional festa em regiões da Bahia.

Para tanto, as articulações deram-se via *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, principalmente. Inicialmente, e por já fazer parte de um grupo de espadeiros (as) em Cruz das Almas, no *WhatsApp*, informei sobre o projeto. Rapidamente, observei o interesse e engajamento de muitos (as). Por meio de conversas no grupo, e, individualmente, passei a receber uma volumosa quantidade de fotografias recentes e antigas (as mesmas podem ser acessadas no livro) de espadeiros e espadeiras. Eram fotos que passeavam por temporalidades múltiplas, mas que, acima de tudo, evocavam sentidos caros de identidade, memória, tradição e saberes populares. Concomitantemente, percebi-me envolvido, através de áudios trocados com aquelas pessoas, com as vivências de luta pela manutenção da Guerra de Espadas, principal mobilizador das relações naquele momento. Selecionei, das centenas de imagens recebidas, o total de 51 fotografias para compor o livro. Número que considero altamente relevante.

Desde então, comecei a alargar a teia de relações em harmonia com conhecidos da localidade de Cruz das Almas. Em síntese, consegui contactar espadeiros (as) de 7 cidades. A dinâmica era parecida, ao mesmo tempo em que havia um cuidado por parte dos (as) espadeiros (as) em saber qual era o objetivo da ação. Claramente, vinham à tona a preocupação com que essas pessoas têm quando o tema é a Guerra de Espadas, visto que evitariam a todo custo entregar em mãos “inimigas” toda uma herança imaterial de seus familiares, e, claro, a minha ética enquanto historiador e extensionista. Não tinha mais tempo de retroceder. Assim, elaboramos uma articulação que desdobrou-se, no fim da ação, em um comitê que juntou espadeiros e espadeiras da capital (Salvador), do recôncavo baiano, do sertão e do centro-norte da Bahia. Falarei sobre o comitê no final do texto.

A recepção, como já esbocei, vinha acompanhada de dúvidas e desconfiança. Não sem razão. Anualmente, após a criminalização da Guerra de Espadas, essas pessoas se deparam violentamente com as forças policiais pelas ruas de suas cidades quando tencionam manter a tradição viva. Mas não apenas isso. O receio também estava em disponibilizar material a possíveis jornalistas que divulgassem informações sensacionalistas sobre a manifestação cultural. A produção de estigmas é algo que muitos espadeiros e espadeiras buscam evitar, e, para isso, acabam criando maiores restrições para manifestar-se com esses profissionais.

Apesar disso, considero que tive vantagens por já pesquisar sobre a Guerra de Espadas, e, sem dúvida, pela consideração que meus colaboradores e colaboradoras possuíam pelo meu trabalho, facilitando a articulação com membros de outros lugares. Foi assim que consegui

alcançar e estabelecer fortes diálogos com os presidentes de duas associações de espadeiros, a saber: Cleo Rocha, da Associação de Incentivo à Cultura Junina Cruzalmense (AICJC) e Darlan Valverde dos Santos, da Associação Cultural dos Espadeiros Bonfinenses (ACESB). No caso de Darlan Valverde, o meu envolvimento foi constante, pois ele demonstrou fortíssimas intenções de participar e acompanhar todo o desenvolvimento do trabalho. No dia de lançamento do livro, como combinamos, foi ele um dos espadeiros a participar da *live*. Além de Darlan Valverde (Senhor do Bonfim), participaram com vídeos os (as) espadeiros (as) Mônica Moraes (Cruz das Almas) e Cássio Alvim (Salvador). A adesão de populares na *live* de lançamento do livro demonstrou a importância e significância da Guerra de Espadas na Bahia.

Compreendo estar em diálogo, novamente, com as proposições de Paulo Freire (1984) quando, em muitas de suas obras, o reconhecimento da existência do outro torna-se condição significativa em todo e qualquer processo educativo. Assim:

[...] cada um de nós é um ser no mundo e com os outros. Viver ou encarar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros – não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas de primeiro grau ou se membros de uma assembleia popular – o direito de dizer a sua palavra (FREIRE, 1984, p. 30).

Como observa-se na imagem, o índice de acesso ao vídeo ultrapassou as 4 mil visualizações. Significa que o nível de alcance foi elevado. Ainda é possível identificar a quantidade de 513 comentários e 258 curtidas. Cabe frisar que todos (as) os (as) participantes da *live* tinham direta ou indireta relações com a Guerra de Espadas. Ao longo do lançamento do livro, foram apresentados vídeos de espadeiros (as) que contribuíram na construção do projeto. Foi a oportunidade de ouvir suas vozes. Seus horizontes de experiências e expectativas revelaram histórias que ultrapassam unidades temporais individuais. Ou seja, ao atrelar-se às gerações de famílias, a Guerra de Espadas produziu uma comunidade identitária histórica.

Figura 2: Live de lançamento do livro No Ritmo do Fogo: contos e memórias da Guerra de Espadas na Bahia.

Considerações finais

No ritmo do fogo, proposta idealizada e colocada em prática durante quatro meses, no final de 2020 e nos 4 meses iniciais de 2021, mobilizou um conjunto de espadeiros (as) espalhados (as) por diversas cidades da Bahia. Enquanto resultado final do projeto, observou-se a continuidade de importantes ações e articulações. Duas delas de grande destaque foram a audiência pública na ALBA, que movimentou agentes políticos e civis para debater a criminalização da Guerra de Espadas na Bahia e a aprovação do projeto de lei do vereador Pedro Melo (PT), de 2021, que criou o Dia Municipal da Espada de Fogo em Cruz das Almas/BA.

Cabe lembrar que a Guerra de Espadas é uma manifestação que mobiliza milhares de pessoas trabalhadoras e negras, visto que sua deflagração ocorre em um estado que aglutina grande quantidade de pessoas pretas no Brasil. Por muito tempo, a fabricação de espadas contribuiu como meio informal de trabalho para que sujeitos comuns pudessem obter alguma renda com a vendagem das espadas, e, assim, pagar suas dívidas, mobiliar suas casas e sobreviverem (OLIVEIRA, 2012). A criminalização não apenas deslocou esse processo econômico como, também, tem buscado dirimir a manutenção da memória e da identidade espadeira por todo o território baiano. A luta se constitui no âmbito da cultura.

Referências

CEZARINHO, Filipe Arnaldo. Uma experiência de pesquisa com fones digitalizadas da Hemeroteca do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular – (CNFCP). **Semina – Revista dos Pós-Graduandos em História da UPE**, v. 20, n. 2, p. 96-111, maio/ago. 2021.

CEZARINHO, Filipe Arnaldo. Apresentação e agradecimentos. In: CEZARINHO, Filipe Arnaldo; DOURADO, Tábata Figueiredo. **No ritmo do fogo: contos e memórias da Guerra de Espadas na Bahia**. 1. ed. Bauru: Gradus Editora, 2021. p. 9-11.

CEZARINHO, Filipe Arnaldo. **A Guerra de Espadas na Bahia (1980-2017)**. 2018. 195 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História, Irati, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 78. ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 7. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1984.

Acesso em: 13 abr. 2022.

Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura, Florianópolis (SC), v. 6, n. 1, p. 42 - 52, jan./jun. 2022

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

OLIVEIRA, Adriana da Silva. **Entre a cruz e as espadas:** práticas culturais e identidades no São João de Cruz das Almas – BA. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2012.